

tado no chão, com a mão cada vez mais cansada a es-
pantar os agressores; ouço o crepitar sob minhas costas,
os gritos furiosos dos habitantes daquela escuridão pre-
tendendo expulsar o perturbador de sua calma noturna.
E, por fim, o riso no rosto de Leo, que naturalmente to-
mara o caminho certo, e nossos amigos, que afinal ha-
viam me encontrado e, numa maca, levaram-me de vol-
ta, todo sujo e picado, para o acampamento.

Sentado, devo ter cochilado, pois, de repente, tinha a
meu lado um funcionário do hotel, perguntando-me se
eu não estava me sentindo bem. Continuava quente no
quarto; meu corpo estava molhado de suor. O rapaz ar-
rumou a cama e teve de esperar um bom tempo até que
eu compreendesse que ele estava esperando pela gorjeta,
e quando afinal lhe dei uma nota demasiado graúda, ele
sẽ sentiu ainda obrigado a fazer uma coisa e outra, até
voltar a desaparecer.

Provavelmente, preocupei-me já por tempo demasia-
do com a morte para esperar dela ainda alguma coisa.
Ela será sempre injusta, e definitiva, sem máscaras. Ao
contrário do padre miserável, com suas promessas cele-
stiais, os índios acreditavam que os mortos estariam sem-
pre por perto, no mato, sob as raízes de uma árvore, na
água do rio; tinha-se de prestar atenção para não pisar

neles, senão eles revidariam. Leo anotou muitas conver-
sas com eles sobre a morte, as quais podem ser lidas em
meus livros. Aquelas pessoas tinham sempre algo a dizer
sobre a morte, e o próprio Leo ficava de bom humor
quando podia falar sobre o assunto. Não é o medo da
morte que nos faz pensar na imortalidade, mas é o dese-
jo de ser imortal que atíça em nós o medo da morte —
dizia Leo com freqüência, citando um filósofo austríaco.
A consciência da morte, da mortalidade, está no princí-
pio do ato de narrar. Esse era um dos comentários que
ele fazia, quando eu não sabia mais o que fazer.

Agora eu não sabia mais o que fazer.

Estava sentado na beirada da cama, de camiseta, os
pés pedantemente postados um ao lado do outro. Pare-
cia que eu fora cimentado ali. Se alguém tivesse pedido
que me levantasse, eu não teria conseguido. À minha
frente, uma cova tão funda que, da beirada da cama, eu
não podia ver-lhe o fundo. E ponte alguma, nenhuma
pinguela ou mesmo uma tábuia solta que me permitisse
abandonar o reino da solidão. Com pavor, descobri que
até as palavras me haviam fugido; quando abria a boca,
saía apenas um grasnido, um grasnido de vergonha e ar-
rependimento. Apenas o cérebro parecia ainda estar fun-
cionando, ainda que segundo um esquema para mim